

ABORDAGEM DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

---

*GENDER APPROACH IN DIDACTICS BOOKS OF PORTUGUESE LANGUAGE IN ELEMENTARY SCHOOL*

Kariny Rayane Lira Costa<sup>1</sup>

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves<sup>2</sup>

Resumo

Este trabalho discute a abordagem de gênero publicada em livros didáticos. Foram analisados livros didáticos de 4º e 5º ano do ensino fundamental de Língua Portuguesa, levando em conta a polêmica que a temática de gênero e sexualidade trazem consigo, as questões relacionadas à sexualidade não possuem a devida visibilidade dentro das salas de aula, por fazermos parte de uma sociedade que classifica os padrões de comportamento de gênero regidos pela heteronormatividade. Diante das análises foi possível perceber que a temática de gênero quando não é ignorada, é brevemente mencionada, evidenciando que pouco se retrata esse tema no livro didático. A partir dos resultados, é possível defender que a escola contemple em seu currículo uma atenção significativa para discussão de gênero, possibilitando a formação aos professores para proporcionarem aos educandos práticas pedagógicas que valorizem as diferenças e o respeito dentro e fora da escola

Palavras-Chave: Abordagem de Gênero; Heteronormatividade; Livro Didático

Abstract

This project discusses the gender approach published in didactics books. During the project were analyzed didactics books of 4th and 5th grade of Portuguese elementary school, taking into account the controversy that the theme of gender and sexuality bring with them, issues related to sexuality do not have proper visibility within the classrooms. Being part of a society that classifies gender behavior patterns orchestrated by heteronormativity. From the analysis it was possible to realize that the theme of gender when not ignored, is briefly mentioned, showing that little is portrayed this theme in the didactics books. From the results, it is possible to defend that the school includes in its curriculum a significant attention to gender discussion, enabling the training of teachers to provide students with pedagogical practices that value differences and

---

1 Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Brasil. Professora da rede estadual de ensino do estado da Paraíba – Brasil. E-mail: [karinyrayany@hotmail.com](mailto:karinyrayany@hotmail.com)

2 Doutorado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba. Professora do Programa de Pós-Graduação Profissional de Formação de Professores - PPGFP da Universidade Estadual da Paraíba. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE - da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [francesfabiola@gmail.com](mailto:francesfabiola@gmail.com)

respect inside and outside the school.

Keywords: Gender approach; Heteronormativity; Didactic book

Resumen:

Este trabajo discute el enfoque de género publicado en los libros didácticos. Fueron analizados los libros didácticos de 4° y 5° grado de la enseñanza primaria de Lengua Portuguesa, teniendo en cuenta la polémica que la temática de género y sexualidad trae consigo, las cuestiones relacionadas a la sexualidad no poseen la debida visibilidad dentro de las aulas de clase, por hacernos parte de una sociedad que clasifica los ideales de comportamiento de género regidos por la heteronormatividad. Delante de los análisis fue posible percibir que la temática de género cuando no es ignorada, es brevemente mencionada, evidenciando que poco se retrata este tema en el libro didáctico. A partir de los resultados, es posible defender que la escuela contemple en su currículo una atención significativa para la discusión de género, posibilitando la formación a los profesores para proporcionaren a los alumnos prácticas pedagógicas que valoricen las diferencias y el respecto dentro y fuera de la escuela.

**Palabras-Llave:** Enfoque de Género; Heteronormatividad; Libro Didáctico

## Introdução

Estamos vivendo em um período moderno, no entanto, algumas discussões essenciais para a educação ainda continuam sendo verdadeiros tabus. Nesse sentido, observa-se a implicação voltada constantemente para a temática de gênero dentro do âmbito educacional em uma realidade que não pode mais ser simplesmente ignorada. Dessa forma, busca-se com o presente trabalho, promover uma discussão que oportunize a construção de um olhar mais crítico, atentando para essas questões de gênero e sexualidade e as formas como elas estão inseridas e vem sendo trabalhadas no contexto escolar. Dessa maneira, foram realizadas leituras na área da pedagogia de gênero, buscando uma compreensão acerca da discussão de gênero e sexualidade no contexto escolar, e de como as concepções teóricas sobre esse tema são tratadas no campo de pesquisa.

Neste sentido, percebe-se a necessidade de uma análise mais apurada e criteriosa dos livros que estão sendo utilizados pelos professores nos anos iniciais, para que esse tema possa ser estudado, abordado e debatido com propriedade quando surgirem questões dentro das salas de aula, sem que o professor sintam-se despreparado para discutir democraticamente com seus alunos de forma a levar o conhecimento, respeito e uma construção de indivíduos

éticos socialmente. Diante do exposto, questionou-se: até que ponto a discussão de gênero é abordada nos livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental?

Para tal, foi conduzida uma análise documental realizada em cinco livros didáticos da área de Língua Portuguesa (L. P.), dos anos iniciais do Ensino Fundamental (E.F.), disciplina esta, selecionada por se acreditar que seus conteúdos contemplem as questões relacionadas a gênero em razão de conter um maior número de gêneros textuais.

Desta maneira, os objetivos deste trabalho se constituem em: (I) analisar como tem sido apresentada a discussão de gênero nos livros didáticos de Língua Portuguesa dos anos iniciais do Ensino Fundamental; (II) Identificar se nos livros didáticos de língua portuguesa do 1º ao 5º apresentam textos que contemplem a questão de gênero; (III) Averiguar como as atividades de interpretação estão propostas, e se essas atividades promovem um debate reflexivo sobre o respeito às diferenças no que se refere a questões de gênero, e (IV) Observar como os livros didáticos podem contribuir para minimizar os conflitos relacionados a gênero nas discussões em sala de aula.

## **Gênero e sexualidade**

A diversidade cultural é uma das temáticas inseridas no currículo e exigida nas práticas pedagógicas, e precisa ser trabalhada em salas de aula, para que se possa alcançar o reconhecimento da diversidade cultural brasileira e produzir conhecimento pedagógico voltado às questões referentes ao respeito à diversidade.

A discussão do conceito de gênero começou a surgir com base em uma afirmação feita por Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” (Louro, 2007; p. 206). Em suas palavras, a autora feminista evidencia o processo de construção de identidade baseada nas relações entre sociedade e cultura e a sua influência na vida dos sujeitos. O conceito de gênero e suas implicações passaram a ser atrativos, e as feministas que a sucederam continuaram a reflexão para combater o determinismo biológico, que era a definição predominante da época, o qual argumentava que a vida é determinada pelas características biológicas do corpo. Com esse interesse e alguns estudos, passou a ser construído o conceito de gênero. Nesse sentido:

Gênero refere-se ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto. Isso quer dizer que não

é propriamente a diferença sexual - de homens e mulheres - que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto. (Louro, 1997, p. 77)

Assim como as relações de gênero atuam com mais força na idade moderna, a sexualidade também tem a sua representatividade dentro de diferentes contextos e faz parte da formação histórica e cultural dos sujeitos. Para compreender a importância da sexualidade dentro do âmbito educacional é importante antes de mais nada, compreendermos seu conceito, sua definição e algumas perspectivas teóricas. Para Foucault:

A sexualidade é o nome que se dá a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas a grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (Foucault, 1997; p. 100).

Compreende-se que, assim como gênero, a concepção de sexualidade não está associada unicamente à naturalização e às questões biológicas, baseando-se na ideia de que todo sujeito vivencia a sexualidade do corpo na mesma sequência ou do mesmo modo, mas entendermos a sexualidade como um dispositivo histórico, construído socialmente e interligado à cultura.

De acordo com Arcari (2011), a sexualidade está presente antes de nascermos, no processo de formação dos órgãos genitais e se mostra de várias formas, se modifica no decorrer da vida. Não remete apenas à relação sexual, mas está presente nos processos físicos, psicológicos, e construções humanas de afetividade. É um traço íntimo de prazer, sensações, descobertas, desejo dos corpos, fantasias, não associada apenas ao sexo, mas à apropriação de identidade internalizada e todas estas características estão arraigadas ao contexto em que as pessoas estão inseridas.

Louro (2015) aponta que essas identidades não são obrigatoriamente definitivas, mas transitórias, pois reconhece identidade como um processo complexo à medida que os pensamentos e pontos de vista se modificam. Neste sentido, é possível considerar que as questões de gênero e sexualidade atuam em várias situações no cotidiano das relações humanas. Desde muito cedo a sociedade começa a modelar de acordo com os seus padrões preestabelecidos, o comportamento, criação de estereótipos com o que acredita ser o correto para o coletivo, e na maioria dos casos esses padrões excluem de maneira significativa as minorias, e todas essas construções sociais repercutem dentro do âmbito escolar.

Mesmo com essa construção ao longo do tempo, se espera dos indivíduos a devoção à heteronormatividade, devendo as pessoas agir de acordo com o que se estipula os conceitos heteronormativos, ou seja, os indivíduos devem somente seguir aquilo que está presente nos parâmetros heterossexuais caso contrário serão marginalizados, ignorados ou perseguidos por crenças, políticas e práticas sociais, Junqueira (2010).

### **Gênero e sexualidade no contexto escolar**

É fundamental uma compreensão pautada em um olhar crítico nas práticas pedagógicas desenvolvidas para assegurar o respeito às diferenças. Levando em conta a função social da escola nesse processo de construção de identidades e na transmissão de conhecimentos, é essencial que a escola oportunize em seus momentos de trabalho didático, uma discussão democrática sobre as questões sociais, e para que isso aconteça, além de inserir esses temas nos currículos, é preciso que a escola esteja organizada para proporcionar aos professores uma formação pedagógica que atenda as questões relacionadas a gênero e sexualidade, para que dessa forma, o professor sinta-se seguro e tenha apropriação nos referidos temas, podendo contribuir na construção crítica, respeitando a singularidade de seus alunos dentro e fora da escola. Sendo assim:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (Louro, 1997, p. 57).

Com efeito, a escola age diretamente na construção social dos sujeitos e seus valores variam de instituição para instituição, pois não se pode esperar que os ensinamentos de escolas confessionais são os mesmos aos de uma escola laica, ou seja, uma escola desvinculada da igreja com uma educação que não contém dentro do seu currículo ensinamentos sagrados, já que a escola forma os sujeitos segundo seu currículo.

## **Livro didático como instrumento de mediação do conhecimento**

O livro didático trata-se de uma das ferramentas pedagógicas mais utilizadas no processo educativo realizado pela escola e por sua equipe de docentes, sendo visto como uma das peças fundamentais na engrenagem durante o processo de escolarização, pois nele estão contidos os conhecimentos que serão transmitidos durante o período letivo que será vivenciado em sala de aula, com os alunos nas instituições escolares.

Os conteúdos abordados nos livros didáticos precisam conter conhecimentos oriundos de fontes confiáveis e verídicas, e a seleção deve ser feita com base na proposta curricular das escolas e levando em consideração a realidade dos alunos. A estrutura do livro deve ser integrada e interdisciplinar, possibilitando um aprendizado mútuo. O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) também traz a importância da temática de gênero, de uma educação não sexista, que valorize a diversidade, o respeito e que combata a homofobia, buscando o alcance de uma sociedade justa que exerça um comportamento coletivo com cidadania e respeito. (Brasil, 2016).

As questões relacionadas a gênero e sexualidade embora façam parte da vida dos sujeitos e comecem a se fazer presentes no processo de construção de identidade muito cedo, estão presentes em diversos recursos midiáticos tais como, em vídeos de informação e conscientização, em novelas, entrevistas, notícias e redes sociais.

Contudo, ainda se deparam com opiniões preconceituosas, e essa temática sendo representada nos livros didáticos, quando não é silenciada, é abordada de forma insuficiente e temida, pois gera receio por parte do professor no momento de discussão por seu despreparo para trabalhar o tema de forma reflexiva, aberta e adequada ao nível dos alunos, por não ser um assunto valorizado socialmente. (Canen; Xavier, 2011).

## **Método**

A análise documental foi o delineamento de pesquisa utilizado, uma vez que se optou pela construção dos dados por meio de fontes primárias que não passaram por nenhum tratamento analítico, bem como os livros didáticos analisados apresentam a abordagem de gênero e que não passaram por nenhum tratamento analítico (Gil, 2008).

Desta maneira, foram analisadas duas coleções de Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano, para verificar como as questões relacionadas a gênero estão sendo abordadas dentro dos

livros didáticos que são utilizados como ferramenta pedagógica nos processos de mediação do conhecimento construído nas salas de aula.

### **Livros analisados**

Livro A: Português Linguagens do 4º ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais, 5ª edição, está organizado em quatro unidades de ensino-aprendizagem, distribuído em 256 páginas, contando com a capa, folha de rosto e dados catalográficos, apresentação, sumário e bibliografia.

O livro traz quatro unidades temáticas. Três unidades com três capítulos e apenas uma unidade com quatro capítulos, sempre finalizando a unidade com uma oficina de criação de projeto, unidades essas intituladas da seguinte forma:

<b>Organização Temática do Livro A</b>
Unidade temática 1: Em Família (12 – 60 p.) Capítulo I: Pausa para descanso (12 – 15 p.) Capítulo II: Rumo ao desconhecido (15 – 37 p.) Capítulo III: No fundo do baú (38 – 60 p.)
Unidade temática 2: Viva a diferença (68 – 114 p.) Capítulo I: Meu pai é um cachorro (68 – 72 p.) Capítulo II: Pequenos que são grandes (72 – 91 p.) Capítulo III: A magia da leitura (122 – 125 p.) Capítulo IV: Brincadeira que não tem graça: Bullying (92 – 144 p.)
Unidade temática 3: A magia da leitura (112 – 160 p.) Capítulo I: A leitura e suas viagens (122 – 125 p.) Capítulo II: Eterno maluquinho (125 – 145 p.) Capítulo III: O voo da palavra (145 – 160 p.)
Unidade temática 4: Navegando na rede (168 – 217 p.) Capítulo I: A magia do toque (168 – 161 p.) Capítulo II: A criança e a tecnologia (171 – 194 p.) Capítulo III: A internet e seus riscos (195 – 217 p.)

Livro B: Português Linguagens do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais, 5ª edição, também está organizado em quatro unidades de ensino-aprendizagem, distribuído em 272 páginas, contando com a capa, folha de rosto e dados catalográficos, apresentação, sumário e bibliografia.

Também organizado em quatro unidades, cada unidade contendo três capítulos e ao final de cada unidade uma sugestão de oficina de projeto, organizados da seguinte forma:

<b>Organização temática do Livro B:</b>
Unidade temática 1: Lições de sabedoria (12 – 63 p.) Capítulo I: A visão do Paraíso (12- 15 p.) Capítulo II: A força e a astúcia (15 – 38 p.) Capítulo III: As Faces da Verdade (39- 63 p.)
Unidade temática 2: Valores (70 -123 p.) Capítulo I: Valores em contraste (70 – 73 p.) Capítulo II: Animais de laboratório: Uma questão de ética? (73– 97 p.) Capítulo III: Valores suas cores suas dores (122- 125 p.)
Unidade temática 3: Em cena (130- 181 p.) Capítulo I: Uma homenagem ao cinema (98– 123 p.) Capítulo II: Em cena, o teatro (130 – 159 p.) Capítulo III: Teatro: A arte de ser o outro (145- 160 p.)
Unidade temática 4: Ser cidadão (188-235 p.) Capítulo I: Dois Mundos (160 - 191 p.) Capítulo II: O Pulo do Gato (192– 215 p.) Capítulo III: Infância roubada. (216- 235 p.)

Para a escolha dos livros didáticos analisados, optamos por livros de Língua Portuguesa porque geralmente apresentam uma maior variedade de gêneros textuais e por ser uma coleção acessível, pois são livros com edições atualizadas e, por conseguinte, trabalhados em sala de aula. Após análise da coleção Português Linguagens do Ensino Fundamental Anos Iniciais, encontramos a discussão de gênero apenas nos livros do 4º e 5º anos.

A coleção Português Linguagens, foi aprovada pelo Ministério da Educação (MEC), e desde o seu lançamento ainda não passou por nenhuma reprovação. Seus livros de Língua Portuguesa encontram-se entre os cinco mais bem avaliados pelo PNLD, contando com

1.255.918 exemplares distribuídos (Semis, 2017).

## Resultados e discussão

A abordagem de gênero no livro (A) encontra-se na segunda unidade temática, intitulada de: “viva a diferença”, no terceiro capítulo, dentro da sessão que está trabalhando com o tema: “A brincadeira que não tem graça: Bullying”. Observou-se a presença de um texto de apoio localizado na sessão “texto puxa texto” escrito no gênero jornalístico no formato de entrevista com o título: “Bailarino há apenas dois anos, Galvin, 9, já ganhou cinco concursos nacionais nos EUA.” Escrito por Heloisa Brenhade na revista Folha de S. Paulo, Folhinha. 8/3/2014.

O texto fala da questão de um menino norte americano que se destaca em várias performances de dança, incluindo o balé e de como com apenas 9 anos já ganhou cinco competições de dança nos Estados Unidos. Influenciado por sua irmã que também gosta de dançar, a grande questão do texto, porém, trata-se do fato de como a dança exige muito tempo dos irmãos, os seus pais precisam tomar a decisão de retirá-los ou não da escola, para que estudem em casa, uma vez que nos Estados Unidos é permitida que a educação dos filhos seja em casa e finaliza comparando a educação no Brasil, onde a presença das crianças na escola é obrigatória.

Após a leitura do texto o livro traz uma atividade de interpretação com cinco questões abertas. Na segunda questão, observa-se, especificamente a abordagem de gênero como se pode verificar abaixo:

No Brasil, ainda existe preconceito em relação a meninos que gostam de dançar. (Cereja; Cochar, 2014a, p. 102).

- a) De acordo com o texto, Gavin enfrenta esse preconceito?
- b) Nos Estados Unidos, o país de onde Gavin vive, há estímulos para meninos e meninas dançarem? Justifique sua resposta.

Atividades pedagógicas desta natureza possibilitam a discussão de gênero a partir de contextos socioculturais distintos, levando à reflexão por parte dos educandos a partir da mediação docente na construção da identidade de gênero em sociedades distintas. Assim, ao trazer uma pergunta indagando se o garoto sofre algum tipo de preconceito e ao fazer uma comparação com o Brasil onde ainda existe um preconceito relacionado a meninos

praticarem danças habitualmente consideradas como femininas, favorece um momento para se problematizar as questões heteronormativas presentes em uma sociedade que determina os papéis e lugares de homens e mulheres internalizados nas relações entre as pessoas e presente na convivência dentro das instituições escolares. (Louro, 1997, 2015; Arraes, 2015).

A questão 3, embora de modo sutil, também aborda a questão de gênero, pois como pode-se observar adiante, traz a posição dos pais do garoto bailarino. A pergunta é aberta e solicita justificativa da resposta, o que dá possibilidade de discussão na sala de aula sobre a posição dos pais de Gavin e como os alunos imaginam que seria a posição de pais brasileiros diante da opção pela dança por um menino de 9 anos.

3. Os pais de Gavin apoiam a opção do garoto pela dança? Justifique sua resposta. (Cereja; Cochar, 2014a, p.103).

Nos Estados Unidos a realidade de como são vistos meninos dançando balé é bem diferente da que encontramos no Brasil. Na maioria de casos semelhantes a este em nosso país, a família não assume uma postura que apoia os filhos, e esse comportamento social pode ser problematizado na sala de aula entre educadores e alunos, uma vez que o professor levante esses questionamentos, fazendo com que os alunos possam refletir e encarar questões desta natureza com uma visibilidade ampla e que valorize o respeito às diferentes escolhas e preferências dentro de diversos grupos sociais. (Canen; Xavier, 2011).

Sabendo que a escola tem o papel de construção do conhecimento, que não seja ela reprodutora dessa visão social preconceituosa e equivocada. Práticas pedagógicas como essa proposta pela atividade 3 reforçam a desconstrução dessa visão heteronormativa, carregada de estereótipos que classifica os sujeitos e reproduz desigualdades. (Louro, 1997).

As demais perguntas estão relacionadas à questão da educação em casa, como acontece nos EUA e de como os alunos enxergam esse fato. Contudo, no título do texto não fica clara a questão do preconceito, tão pouco dentro do mesmo, pois trata-se de um menino vencedor de vários campeonatos de dança com apenas 9 anos de idade, levando em conta a realidade do menino que não sofre preconceito por suas preferências em relação ao balé. Foi observado que o texto por si só não aborda o preconceito que os meninos que dançam balé ou danças mais líricas enfrentam, mas as questões de interpretação do texto em relevo abordam um pouco o tema do preconceito social enfrentados por meninos que praticam dança.

Contudo, ao analisar os textos e as atividades é possível observar que os textos e as atividades propostas não dão conta de levar os alunos a uma reflexão sobre o assunto sem

a participação efetiva do professor, que deve mediar esse debate, caso contrário, o assunto será tratado de forma superficial meramente no caráter de pergunta e resposta a que os alunos estão acostumados, sem que aconteça uma reflexão do assunto e, por conseguinte uma ressignificação da construção sociocultural de gênero.

Um livro didático composto por quatro unidades contendo na maioria das unidades três capítulos, traz a questão de gênero em apenas um texto e duas atividades complementares que favorecem a discussão. Essa evidência se revela insuficiente para problematizar e trabalhar essa abordagem no decorrer do ano letivo. Mesmo estando dentro do livro didático, de modo sutil, faz-se necessário se gerar debates e questionamentos que valorizem as questões de gênero dentro da sala de aula, por ser um tema que promove a formação da identidade dos sujeitos. (Canen; Xavier, 2011).

Já no caso do livro B, este aborda a questão de gênero na capa, apresentando uma menina vestida para jogar futebol, equilibrando uma bola em sua cabeça, que se o professor analisar e discutir torna-se possível promover um debate relacionado a gênero em sala de aula antes mesmo de abrir o livro para explorá-lo. Na segunda unidade onde a discussão da questão de gênero fica mais evidente é no terceiro capítulo a unidade está intitulada de “Valores suas cores suas dores”, pois apresentam alguns textos que discutem a temática em tela.

O texto aqui analisado é do gênero de reportagem (publicado na Folha de S. Paulo, 29/6/2013. Folhinha) e traz o seguinte título: “Elas também jogam... e eles também dançam.” Onde inicialmente fala sobre duas irmãs gêmeas brasileiras de 11 anos que gostam de jogar futebol, incentivadas pelo exemplo do irmão que também pratica o esporte, mas a reportagem deixa bem clara a questão do preconceito enfrentado pelas meninas ao optarem por essa modalidade esportiva, pois o futebol continua sendo visto por construções de significados sociais heteronormativas que determinam os comportamentos considerados corretos para homem e mulher, menino e menina, que ainda estão presentes nas relações das pessoas dentro do padrão heterossexual. As irmãs tem por inspiração a jogadora Marta da seleção brasileira.

A mesma reportagem traz subtítulo: “Menino pode dançar balé? E menina pode jogar futebol? Pode, claro! Mas é preciso enfrentar o preconceito.” A reportagem cita alguns meninos entre 11 e 12 anos que gostam dessa dança e inclui algumas falas dos próprios meninos e seus pais, onde eles falam da violência verbal que sofrem na escola, e que mesmo não enfrentando preconceito na família deles, não acontece o mesmo fora de casa, pois a pratica de bullying está muito presente no cotidiano desses meninos. “Muitas pessoas me zoam e outras não. Para mim, isso não tem nada a ver. Algumas coisas que são para menina também podem servir para meninos” disse Jônatas. (Cereja; Cochar, 2014b, p. 109)

A reportagem segue trazendo mais um subtítulo: Marta boleira, “Há preconceito contra as mulheres no futebol” que faz uma entrevista com a jogadora descrevendo a importância da sua presença na seleção e das suas conquistas, onde Marta deixa bem claro o preconceito que enfrentou e que ainda enfrenta por ser uma mulher dentro de um esporte visto pela maioria da sociedade como masculino, conforme observado na passagem da entrevista a seguir:

Sofreu preconceito?

Muito. Sou de Dois Riachos, no interior de Alagoas. As pessoas não viam com bons olhos uma menina jogando bola no meio de garotos, e minha família pensava da mesma forma. (Cereja; Cochar, 2014b, p. 109).

E para finalizar, na reportagem vem o último subtítulo: Thiago, bailarino, “Hoje homens podem se destacar mais no balé”, que também traz uma entrevista com um bailarino de 32 anos brasileiro, mas que desde 2002 mora em Londres, alcançou várias conquistas como bailarino. No entanto, seu discurso em relação a preconceito é bem diferente se comparado ao texto anterior dos meninos brasileiros residentes do Brasil, pois Thiago fala que nunca percebeu preconceito relacionado à suas preferências na dança mais clássica.

As questões de gênero são delimitadas de acordo com os marcadores sociais e histórico-culturais. Dessa forma, a sociedade em que determinado sujeito se encontra fará a categorização e classificação dos comportamentos sociais adequados para esse sujeito. Com efeito, podemos observar que ao optar por gostar de jogar futebol dentro daquela cultura em que Marta se encontrava, não era considerado o comportamento adequado para as meninas, o que gerou a criação de um estereótipo negativo que ela enfrentou em sua casa com a sua família e no convívio social mais amplo, resultando em discriminação e preconceito. (Louro, 1997; 2015; Nogueira, 2010).

Após a leitura da reportagem, o livro traz uma atividade contendo oito questões abertas de interpretação onde os alunos são questionados sobre o preconceito lido na reportagem, e o que eles acham disso. Vejamos a questão 8, por exemplo: (Cereja; Cochar, 2014b, p. 52)

8. Troque ideias com os colegas e dê a sua opinião:

a) Que outros tipos de preconceito você vê na sociedade em que vivemos? O que você acha desses preconceitos?

b) Você também teria coragem de praticar um esporte ou um *hobb*, que costuma ser mais praticado por pessoas do sexo oposto?

Assim, observa-se que a questão propicia reflexão para que os alunos analisem a sociedade em que vivem e percebam como o preconceito circula nessa sociedade, bem como possibilita abertura de uma discussão promovida pelo educador em sala de aula com os alunos entre si, expondo suas opiniões abertamente, pois se o preconceito for visto como algo negativo durante esse momento de análise, é possível que os alunos respeitem a liberdade de escolha e as diferenças uns dos outros, contribuindo assim para a cidadania dentro e fora do ambiente educativo. (Rohden, 2009; Nogueira, 2015).

Em específico na questão “b”, ressalta-se como as pessoas vivenciam gênero no dia a dia, ao realizar escolhas que fazem parte do seu cotidiano, mas que trazem o julgamento social baseado em construções culturais de gênero na sociedade em que estão inseridas. Essa questão faz com que os alunos reflitam sobre estar em uma posição semelhante a de pessoas que têm preferência por escolher *hobb* ou esportes que geralmente são praticados por pessoas do sexo oposto, o que permite que aconteça uma troca de ideias e se desmitifique essa ideia de que devemos sujeitar nossas escolhas de acordo com categorizações sociais. (Rohden, 2009, Nogueira, 2010).

A atividade finaliza com um textinho rápido na sessão “Você é o escritor” para introduzir uma atividade escrita e fala sobre o papel da mulher no passado como dona de casa e como com o passar do tempo elas foram adquirindo espaço no mercado de trabalho em lugares antes ocupados apenas por homem. Após a leitura do texto a sugestão de atividade é que os alunos façam entrevistas com duas mulheres, uma mais velha que seja dona de casa e uma mais jovem que trabalhe fora, seguida da produção de um mural com o seguinte título: “Mulheres de ontem e de hoje”.

Observou-se que no livro B a questão de gênero ganha um espaço considerável se comparado ao livro A, uma vez que os assuntos complementam e interagem entre si, com textos e atividades que promovem e incentivam debates e reflexões, enriquecendo a visão ética e uma construção de pensamento livre de preconceito, respeitando as diferenças, os gostos e individualidades dos que estão a nossa volta.

Contudo, torna-se clara a preocupação em relação à abordagem de gênero ser mais

explorada dentro do livro didático do 5º ano. Subentendeu-se que esse fato esteja relacionado a uma condição pessoal dos alunos, por se acredita que eles possam ter maturidade suficiente para que seja discutido o assunto, já que nos demais livros da coleção ele é silenciado ou superficialmente abordado.

No entanto, a partir dessa análise documental, compreende-se que a questão de gênero não aparece na vida dos alunos em épocas especificamente determinadas, pois essas questões estão presentes nas construções sociais e histórico-culturais que nos constituem ao longo da vida, e embora alguns acreditem que essa discussão só precise aparecer quando os educandos estão beirando a adolescência, o que se constata, nos momentos vivenciados em sala de aula, é que os alunos apresentam a necessidade de discutir o assunto no seu cotidiano. Essa necessidade acontece não apenas nas salas de quarto e quinto anos, mas as questões de gênero surgem até mesmo na educação infantil, onde os alunos são bombardeados com valores sociais e tem a educação e seus comportamentos desenvolvidos ainda sobre margens heteronormativas.

### **Considerações finais**

A discussão de gênero precisa fazer parte da nossa vida de uma forma aberta e igualitária, pois gênero e as relações de gênero começam a se fazerem presentes antes mesmo do nascimento dos sujeitos. Dessa forma, é indispensável que os alunos tenham acesso a uma educação norteada pelo respeito à tolerância, à compreensão e à ética, pois embora a sociedade ainda trate o tema com pouca importância e o veja como desnecessário, é fundamental o entendimento de que essa discussão é significativa durante o processo de construção da identidade.

A escola precisa assumir o seu papel durante esse processo de formação pela qual passam os sujeitos, entendendo que em seu currículo as questões relacionadas a gênero precisam estar interligadas com os demais temas de forma interdisciplinar, para que a escola não seja reprodutora de preconceitos, mas possa contribuir para superar esse comportamento excludente, bem como tornar possível uma formação voltada para temas como gênero e sexualidade, direcionada aos seus educadores, contribuindo não só para que o assunto seja debatido em sala de aula, mas melhorando a qualidade de ensino e de pensamento crítico aos seus profissionais e alunos.

Considerando os dados obtidos nessa pesquisa, ficou evidente que nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental dos anos iniciais de 4º e 5º anos, as questões de gênero são brevemente citadas. Ademais, observou-se que essas questões quando abordadas

nos livros didáticos, não estão presentes no ciclo de alfabetização do 1º ao 3º anos, embora sejamos cientes que essas questões surgem bem cedo e deveriam ser trabalhadas em todos os livros didáticos, já que é o que se preconiza nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998).

Conscientes de que a escolha dos livros didáticos acontece pelos educadores, fica patente a necessidade de uma análise mais crítica e criteriosa durante a escolha dos materiais didáticos que serão trabalhados dentro do ambiente escolar, pois apesar de passar por uma avaliação do MEC, por meio do PNLD, existe uma escolha por parte de cada instituição escolar antes de adquirir os livros didáticos.

Uma vez que as temáticas de gênero e sexualidade estejam contidas dentro do livro didático com um grau de visibilidade maior, torna-se possível a construção de um saber que transforme positivamente essa visão equivocada e heteronormativa que a sociedade tem reproduzido ao longo do tempo.

Espera-se, por fim, que mais estudos nas temáticas sobre gênero e sexualidade sejam realizados na intenção de explorar os conteúdos trabalhados para os alunos, uma vez que durante todo o processo de escolarização esses temas estão presentes na vida das pessoas, e por isso precisam ter visibilidade e ganhar mais espaços de discussão no contexto escolar.

## Referências

- Arcari, C. (2011). Guia do professor. Educação sexual para crianças de 0 à 10 anos. Radio Margarida. Acesso em 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.radiomargarida.org.br/wpcontent/uploads/guiadoprofessor>.
- Arraes, D. (2015). 5 Motivos para discutir questões de gênero na escola. Fórum. Acesso em 17 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2015/06/19/5-motivos-para-discutir-questoes-de-genero-na-escola/>.
- Brasil, MEC. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2016). SEF/MEC. Guia digital (PNLD 2016). Brasília, SEF/MEC. Acesso em 26 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.fnnde.gov.br/pnld-2016/>.
- Canen, A., & Xavier, G. (2011). Formação continuada de professores para a diversidade cultural: Ênfases, silêncios e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, 16(48), 643-645.
- Cereja, W. , & Cochar, T. (2014a). *Português linguagens 4º ano : ensino fundamental: anos iniciais*. São Paulo:

Saraiva.

- Cereja, W. , & Cochar, T. (2014b). Português linguagens 5º ano : ensino fundamental: anos iniciais. São Paulo: Saraiva.
- Foucault, M. (1997). A vontade de saber. In M. Thereza, & J. Albuquerque. A história da sexualidade (pp. 100-101). Rio de Janeiro: Graal.
- Gil, A. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.
- Junqueira, R. D. (2010). Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. Espaço do Currículo, 2(2), 208-230.
- Louro, G. L. (1997). Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Belo Horizonte: Educação em revista. (46), 201-218.
- Louro, G. L. (2015). Pedagogias Da Sexualidade. Territórios De Filosofia. Acesso em 25 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/07/01/pedagogias-da-sexualidade-guacira-lobes-louro/>.
- Nogueira, D. M. (2010). Gênero e sexualidade na educação. In: I simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas, 1. Londrina, Universidade Estadual de Londrina. Anais... Londrina, 2010, 1 CD. Acesso em 26 de janeiro de 2018 Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>.
- Rohden, F. (2009). Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. *Cadernos de Pesquisa*, 39(136), 157-174.
- Semis, L. (2017). Entenda o PNLD e saiba quais são os livros didáticos mais distribuídos em 2017. Nova Escola. Acesso em 15 de Abril de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4864/entenda-o-pnld-e-saiba-quais-sao-os-livros-didaticos-mais-distribuidos-em-2017>.